

Sobre escrever em movimento: compartilhando fragmentos de vida em dispositivos móveis de comunicação

About writing in motion: sharing fragments of life on mobile communication devices

Alana Soares Albuquerque; Inês Hennigen

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO:

Este artigo, realizado a partir de um recorte de uma pesquisa de mestrado, parte do cenário da hiperconectividade para problematizar os processos de subjetivação envolvidos no compartilhamento instantâneo de atualizações nas redes sociais na internet através da escrita nos dispositivos móveis de comunicação. Ao longo do texto, exploramos os efeitos que o modo de vida contemporâneo, marcado pelo imediatismo e pela sensação de falta de tempo generalizada, imprime nessas novas formas de nos subjetivarmos pela escrita, dialogando com autores como Agamben, Bauman, Benjamin, Flusser, e Foucault. Atentamos, enfim, para a dimensão da escrita enquanto relato de si e de seu possível esvaziamento diante das novas práticas que, valorizando a instantaneidade e a novidade da informação, perdem o caráter reflexivo e introspectivo apontado como necessário para a produção de tais escritas de si ou narrativas pessoais.

Palavras-chave: escrita; dispositivos móveis de comunicação; processos de subjetivação.

ABSTRACT:

This article, made from a clipping of a Master research, starts with the hyperconnectivity scenario to discuss the processes of subjectivation involved on the instant sharing of updates on social networking sites through writing in mobile communication devices. Throughout the text, we explore the effects that the contemporary way of life, marked by the immediacy and the sense of general lack of time, print on these new forms of subjectivation through writing, dialoguing with authors such as Agamben, Bauman, Benjamin, Flusser and Foucault. At last, we look at the dimension of writing as self-reporting and its possible evacuation in the face of these new practices that, valuing the immediacy and novelty of the information, lose the reflective and introspective character, identified as necessary for the production of such self-written or personal narratives.

Key-words: writing; mobile communication devices; processes of subjectivation.

O cenário da hiperconectividade

Celulares multifuncionais, multiplicidade de telas, notificações diversas que bipam em diferentes aparelhos. Estamos hiperconectados, e sem fios. A conexão wi-fi

ou as tecnologias de conectividade móvel como 3G ou 4G nos permitem a conexão à internet sem a necessidade de fixarmo-nos em um ponto de acesso local – como acontecia com os antigos computadores pessoais de mesa ou *desktop* –, proporcionando-nos assim um tipo de conexão “imaterial” à rede.

Neste cenário, estabelecemos uma conexão cada vez mais fusional com as máquinas. Não andamos mais sem nossos celulares, não desgrudamos os olhos das telas, somos dependentes desses aparelhos para vários afazeres do cotidiano. Fazendo uma relação com o universo fictício do cinema que explora nossa híbrida conexão com as máquinas, constatamos que a metáfora pós-apocalíptica do homem sugado como pilha através dos plugues das máquinas, como no filme *Matrix* (1999), ou a imagem orgânica e visceral da conexão com os videogames retratada no estranho *ExistenZ* (1999) – em que os humanos possuem um buraco na pele para encaixar os plugues –, já não se aplicam na atualidade: o agenciamento com as máquinas tecnológicas envolve-nos em quase todos os lugares que frequentamos, e não precisamos de quinquilharias pesadas para nos conectarmos a esses objetos e uns aos outros.

Bauman (2001) usa a metáfora da fluidez para compreender as relações na contemporaneidade. Os fluidos não fixam o espaço e não se atêm a qualquer forma. A mobilidade e a inconstância dos fluidos os associa à ideia de leveza, que se aplica em várias esferas da vida: o derretimento dos elos que entrelaçam o individual e o coletivo, o esvaziamento das instituições, a liquefação dos padrões de dependência e interação... A leveza e a fluidez dos modos de ser é o que impera na condição contemporânea, estendendo-se ao formato das próprias máquinas que nos cercam no cotidiano e de nossas conexões com esses objetos.

A miniaturização desse tipo de mídia demonstra uma tendência de uma relação cada vez mais “leve” com esses aparelhos. Os modelos de dispositivos móveis – entendidos aqui como artefatos ou tecnologias de comunicação, portáteis e conectados em mobilidade, funcionando por redes sem fio digitais (LEMOS, 2008) – cujos nomes carregam expressões como *slim*, *air*, *touch*, remetem a essa condição de liquefação cada vez maior das nossas relações também com os objetos, que reduzem a sua forma até a espessura de uma folha de papel e aprimoram suas tecnologias de reconhecimento cada vez mais sutil de toques e movimentos. Um outro imaginário futurista do cinema sobre nossa relação com as tecnologias de comunicação tende a desmaterializar cada vez mais essas mídias: celulares que são implantados sob a pele, projeções gráficas em uma tela

do tamanho da retina do olho, chamadas em vídeo em formato de imagens holográficas...

Toda essa dimensão imaterial à qual os meios de comunicação à distância tendem a se adequar nos remete à condição da ubiquidade da conexão à internet, a qual vivenciamos hoje, que dispensa os aparatos de conexão em um ponto fixo, facilitando o acesso a essa rede e incitando uma necessidade de conexão permanente. Santaella (2010) nos fala que a condição de ubiquidade da rede destaca a coincidência entre deslocamento e comunicação, já que o usuário comunica-se durante seu deslocamento. Falamos em ubiquidade quando a continuidade temporal do vínculo comunicacional é assimilada a uma plurilocalização instantânea.

Hoje já não é mais necessário se deslocar até a rede para acessar a internet, pois essa rede passa a envolver as pessoas e os objetos numa conexão generalizada. Paira sobre o sujeito que vive nas grandes cidades uma necessidade de estar cada vez mais imerso na rede digital, a partir do advento dessas tecnologias de acesso à internet sem fio e dos dispositivos eletrônicos móveis que permitem que “carreguemos” a internet conosco para onde quer que vamos. Diante dessa condição, as grandes cidades transformam-se em ambientes generalizados de acesso, fazendo com que a cibercultura se desenvolva de forma onipresente (LE MOS, 2004, 2007).

Parados ou em movimento, os que habitam este cenário interagem a maior parte do tempo através da *web*. É preciso responder um e-mail no computador, responder um SMS no celular, enviar uma resposta pelo *Twitter* através do *tablet* para o programa que está passando na TV, e tudo isso simultaneamente. A urgência é característica do modo de vida contemporâneo e nos leva à necessidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo. Desenvolvemos habilidades de sermos multifuncionais, mas ao mesmo tempo continuamos sufocados por uma enxurrada de informações, contatos, interações, imagens, sons, palavras... Ironicamente, acabamos adotando outros tipos de tecnologias em nosso cotidiano justamente para nos organizarmos em meio ao caos: gerenciadores de e-mails, despertadores, lembretes programados, anotações na tela do celular... afinal, só é possível desenvolver habilidades para lidar com o caos de dentro dele.

Estamos, enfim, sobrecarregados: hiperinformados, hiperinterativos, hiperconectados. Lipovetsky (2004) se refere ao sufixo “hiper” para descrever a época em que vivemos hoje, a qual chama de hipermodernidade. Na sociedade hipermoderna, o consumo se exhibe sob o signo do excesso e as imagens hiper-realistas no cinema são as

mais valorizadas. Hipercapitalismo, hiperindividualismo, hipermercado, hipertexto... O autor questiona-se: o que mais não é hiper? O que mais não expõe uma modernidade elevada à potência superlativa? “A internet e seus milhões de sites, bilhões de páginas, trilhões de caracteres (...), as aglomerações urbanas e suas megalópoles superpovoadas, asfíxiadas (...), milhões de câmeras, meios eletrônicos de vigilância e identificação dos cidadãos (...). A escalada paroxística do “sempre mais” se imiscui em todas as esferas do conjunto coletivo” (LIPOVETSKY, 2004: 55).

Pensando nessa potência superlativa sob a qual os comportamentos se exibem na contemporaneidade e relacionando esse fato ao atual estado das tecnologias móveis de comunicação, podemos definir a hiperconectividade como uma condição de conexão contínua e generalizada na qual estamos imersos através de nossos dispositivos móveis constantemente conectados à internet.

A vida “hiperconectada”, que abrange novas formas de nos comunicamos a partir dessas tecnologias e a criação de novos sentidos para os espaços através do uso desses aparelhos, imprime profundas transformações nos modos de subjetivação contemporâneos. Compreendendo a subjetividade como sendo produzida de forma heterogênea, a partir da articulação de múltiplos elementos, entre eles homens e máquinas tecnológicas (GUATTARI, 2012), podemos dizer que na internet, mídia engendrada pela evolução dessa articulação, estão imersos novos tipos de relações e modos de existir. Há toda uma gama de diferentes modos de expressão que a internet cria, dando novos contornos à subjetividade humana. Diante disso, a condição de hiperconectividade delinea diferentes processos de subjetivação, levando-nos a questionar, dessa forma, quem é este sujeito “hiperconectado” e como vem se subjetivando através da escrita nos dispositivos móveis de comunicação, atentando aqui para diferentes formas de narrativas ou escritas de si.

Neste artigo, escrito a partir do recorte de uma pesquisa de mestrado que realizou uma cartografia no cenário da hiperconectividade, voltamo-nos a pensar quais processos de subjetivação estão sendo engendrados no gesto de compartilhar atualizações em tempo real nas redes sociais na internet através de escritas instantâneas, fragmentadas e híbridas, entendendo a subjetivação, de acordo com Foucault (2013), como os diferentes modos pelos quais os seres humanos tornam-se sujeitos. Com essa ideia, o autor aponta para a dimensão histórica da produção de subjetividade, analisando como diferentes tecnologias produzem os sujeitos em determinadas épocas.

Com foco no cenário da hiperconectividade e nos agenciamentos que articulam os humanos e suas pequenas máquinas tecnológicas, exploramos os efeitos que o modo de vida contemporâneo, marcado pela pressa, pela sensação de falta de tempo generalizada, pelo imediatismo, imprime a essas novas formas de nos subjetivarmos pela escrita. Que tipo de subjetividade está sendo produzida a partir do compartilhamento desenfreado de atualizações em tempo real nas redes sociais na internet? O que fica nesse sujeito “compartilhador”? Algo é absorvido em meio a esse oceano de informações, ou tudo passa deslizando por sua pele viscosa, assim como pelas escamas de um peixe, impossível de segurar?

Dentro deste cenário são problematizadas, enfim, as novas formas de escrita aprimoradas pelos recursos dos softwares e da conectividade móvel, atentando para a dimensão da escrita enquanto relato de si e de seu possível esvaziamento diante das novas práticas que, valorizando a instantaneidade e a novidade da informação, perdem o caráter reflexivo e introspectivo apontado como necessário para a produção de tais relatos ou narrativas pessoais.

Escrevendo em movimento

Já há algum tempo os celulares não servem mais unicamente à sua especificidade de realizar chamadas telefônicas. Lemos (2008) nos lembra que esses aparelhos ampliaram suas funções comunicacionais ao longo do tempo e hoje configuram-se como verdadeiros dispositivos híbridos que conjugam inúmeras funções: meio de reproduzir, armazenar e fazer circular músicas, plataforma para jogos online, dispositivo de localização e acesso a “realidades aumentadas”, aparelho para escrever mensagens de texto, tirar fotos, fazer vídeos e acessar a internet, aliando dessa forma a potência comunicativa à conexão em rede e à mobilidade por territórios informacionais.

Além dos chamados smartphones – ou literalmente celulares inteligentes – os notebooks cada vez mais portáteis e os modernos *tablets*, também conectados à internet móvel e sem fio, da mesma maneira, concentram uma multiplicidade de funções, dentre elas a possibilidade de compartilhar, em movimento por diferentes espaços, textos escritos em formato de atualizações nas redes digitais. A escrita nesses aparelhos é aprimorada por uma infinidade de recursos que inovam de várias maneiras o gesto de escrever. E o que é esse gesto? O que significa escrever?

Nosso pensamento precisa ganhar algum tipo de materialidade para se atualizar, seja em palavras, discursos, formas, imagens... Dentre essas diferentes apresentações do pensamento, a escrita transforma-o em signos determinadamente alinhados. E que tipo de materialidade essas palavras têm? Essas que, escritas no papel, atingem pensamentos outros ou essas que deslizam pelos dedos na tela do *tablet* e vão parar em algum lugar no ciberespaço?

Refletindo sobre as formas que o pensamento assume, tomamos aqui a escrita enquanto gesto, como a define Flusser (1994, 2010). A etimologia da palavra “escrever” remete à sua origem no latim “*scribere*”, que significa “riscar”. Escrever era originalmente um gesto de fazer uma incisão sobre uma superfície, rasgá-la, arranhá-la, para o qual se usava uma ferramenta cuneiforme. A escrita originalmente realizava incisões, penetrava em uma superfície. Já em um sentido mais amplo, escrever é um gesto que organiza os sinais gráficos e os alinha, e sendo os sinais gráficos sinais para o pensamento, podemos dizer que escrever é um gesto que orienta e alinha não só os sinais, mas também os próprios pensamentos, como se os colocasse entre aspas (FLUSSER, 1994, 2010).

Para que escrevemos? Preciosa (2010) pensa que o sujeito escreve para intervir em si mesmo, para se infligir ideias, para se usar de vários modos, para que os *insights* insistam e se possa com eles compor ações perceptíveis, para se desintoxicar, sucatear ideias, abandonar o hábito de ser, para desatolar a subjetividade das formas acabadas, “escorchar a pele e com ela confeccionar um manto de memórias editáveis” (p. 21).

Já para Bondía (2002), as palavras produzem sentido, criam realidades e funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Para o autor, são as palavras que determinam nosso pensamento, pois pensamos a partir delas, e pensar é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. Dessa maneira, o homem não apenas usa as palavras como ferramentas, mas é as suas palavras.

Através dessas definições, falamos da escrita enquanto processo de subjetivação, voltando-nos a pensar que formas essa escrita assume na era da conexão digital. É fato que o avanço das tecnologias modifica nossa forma de nos relacionarmos com as palavras e, tendo em vista isso, neste artigo intentamos problematizar que efeitos o fato de estarmos com nossos dispositivos portáteis sempre conectados à internet imprime no nosso modo de escrever sobre nossas vivências pessoais, o que se dá, nas redes sociais na internet, muitas vezes de forma instantânea e fragmentada.

Diante do cenário atual em que somos inundados diariamente por um mar de imagens – da TV, da internet, da publicidade, dos outdoors –, alguns autores questionam se isso não correria o risco de ofuscar as possibilidades da escrita. Flusser (2010), ao observar a supremacia das imagens sobre as palavras, pergunta-se se ainda há espaço para esse gesto. Para o autor, hoje em dia, há códigos que transmitem melhor a informação do que os sinais gráficos: as informações codificadas em imagens, por exemplo, são mais fáceis de serem produzidas, transportadas, recebidas e arquivadas do que em textos escritos.

Já Santaella (2007) não imagina um suposto fim da escrita diante dessas tecnologias, mas sim novas formas que essa escrita assume, falando-nos do surgimento de linguagens líquidas, partindo do termo que Bauman usa para caracterizar a época em que vivemos. A autora nos lembra que a linguagem digital é capaz de transcodificar quaisquer códigos, sejam eles textos, imagens, sons, processando-as computacionalmente e devolvendo-os aos nossos sentidos na sua forma original, o som como som, a escrita como escrita, a imagem como imagem. A linguagem digital, por ter a capacidade de colocar todas as linguagens dentro de uma raiz comum, permite que essas linguagens se misturem no ato de sua formação, possibilitando assim uma nova maneira de se produzir o texto escrito na sua fusão com as outras linguagens.

Ainda sobre as novas possibilidades de escrita, Demoly, Maraschin e Axt (2009) nos falam que o advento das tecnologias digitais e da internet disponibilizam ferramentas que ampliam e potencializam o sentido e as práticas da escrita. Referindo-se a uma “escritura digital”, as autoras afirmam que essas novas tecnologias proporcionam uma rearticulação dos diferentes modos de estarmos na linguagem. Refletindo sobre a possibilidade de articulação da escrita com imagens e sons, as autoras nos falam do surgimento de novas experiências cognitivas e estéticas. Texto, imagem e som, interconectados em uma escritura, evidenciam a presença de modos mistos e heterogêneos de invenção de escrita. Esse tipo de escrita heterogênea perpassa as várias manifestações da escrita nas redes sociais na internet, como os relatos pessoais compartilhados no “*feed* de notícias” da rede *Facebook*. As postagens que circulam pelo site são uma mistura de texto, imagem, som e vídeo, assim como de imagens com texto, vídeos com texto, legendas em imagens... é impossível dissociar uma linguagem da outra.

Para além da digitalização da escrita, já propiciada por tecnologias anteriores, pensamos aqui nas novas formas que o gesto de escrever assume no cenário da hiperconectividade, atentando para o surgimento de “ciberescritas” móveis, escritas instantâneas e rápidas que se fazem nos pequenos dispositivos móveis conectados à internet, como nos smartphones e *tablets*, e que atendem a necessidades contemporâneas permeadas pelo imediatismo e pela urgência, características que perpassam várias esferas da vida, fazendo com que não saibamos mais esperar para compartilhar uma novidade, para enviar uma resposta, para estabelecer uma conversa, etc., posto que tudo precisa receber atenção no momento presente.

A partir dessas possibilidades, vemo-nos diante de escritas fragmentadas que nada mais são do que micro-relatos de si nas redes, como em atualizações instantâneas que atendem a uma necessidade de ser visto e a uma urgência que é obcecada pelo que acontece em “tempo real”. Pensando nessas novas formas que a escrita assume, interessa-nos falar aqui das transformações pelas quais esse gesto passa, enquanto processo de subjetivação, no cenário da hiperconectividade, questionando-nos se ainda resta para essa escrita sua característica de prática autorreferente, como refere Sibilia (2008), ou se pode ser vista como forma do sujeito atuar sobre si mesmo, como sugere Foucault (1996, 2006) quando se refere às diferentes tecnologias que modelam o eu, incluindo aqui a escrita de si, antiga prática grega de produzir registros escritos sobre as vivências do cotidiano.

Diferentemente dos diversos modos anteriores de escrever, a escritura digital tem suas particularidades. O cursor movimentando-se na tela ao toque dos dedos nas teclas ou no seu deslizar sobre a tela de cristal líquido, o toque apressado dos polegares na tela do celular com recurso de *touch screen*... Estaríamos diante de uma nova forma de falar pelos dedos? O design dos aparelhos e os recursos dos softwares modelam novas formas para o corpo exteriorizar palavras. O design que se acopla melhor às mãos e aos dedos, um recurso que permite escrever mais rápido respondem às necessidades de um pensamento que urge para sair.

Dentre os recursos inovadores dos pequenos teclados nas telas dos celulares, um deles permite que, percorrendo o visor com o toque do dedo, se forme uma linha que conecta as letras, da onde a palavra emerge, quase como mágica. Ao longo do tempo de uso do recurso, ele passa a reconhecer algumas palavras com mais facilidade, dada a frequência de utilização pelo usuário/escrevente. Escrita ágil, deslizada, móvel, personalizada... O recurso facilita usar o celular com uma mão só ou escrever quando se

está em movimento. Outro recurso digital que facilita a escrita é o de predição, que dá sugestões para finalizar as palavras enquanto as escrevemos. Parece que novamente como mágica binária a máquina lê nossa mente e termina nossas sentenças, assim como fazem os apaixonados que se conhecem com muita intimidade. Ao longo do tempo, o recurso vai reconhecendo as expressões que mais usamos para ser mais eficiente na sua predição. Predizer. Pré-dizer. Escrita previsível que irrompe com sua sugestão antes mesmo de terminarmos de elaborar nossas sentenças.

Cabos, plugues, ondas de wi-fi ou *bluetooth*. As escritas armazenadas virtualmente no celular ou *tablet* viajam de um dispositivo a outro. O aspecto desterritorializado também é característico desse tipo de escrita. Podemos começar um texto no celular e terminar no computador, e o arquivo armazenado em algum circuito de chip então vive em outro lugar-máquina, em formato de bits, invisível. Dessa vez, na etérea página em branco, os parágrafos nascem mais primitivos, o texto se apaga e se refaz, as palavras vão ganhando um contorno mais preciso. O tamanho da página que nos faz ter uma outra perspectiva sobre o texto e a facilidade da edição pelos recursos do notebook permitem que a escrita tenha agora múltiplas entradas rizomáticas, que se faça por todas as partes. *Word*, bloco de notas, *post its* no desktop. Que materialidade possuem essas palavras com as quais o leitor se depara agora, impressas em papel ou digitalizadas em formato de pixels em alguma de suas telas, replicando-se como vírus em uma infinidade de plataformas, telas, janelas e superfícies?

Não há como não fazer uma relação entre essas novas formas, cada vez mais “imateriais” e desterritorializadas da escrita, com o conceito de escrita que Flusser (2010) remonta à etimologia da palavra: escrever é penetrar em uma superfície, deixar uma marca. O autor observa que hoje em dia não há mais inscrições, e sim apenas “sobrescrições”. Para Flusser, a forma como se escreve está intimamente relacionada à duração da escrita: quanto menos esforço empregado no inscrever, tanto mais rápida será a volatilização da informação. A rapidez no escrever é a diferença fundamental entre a inscrição e a sobrescrição, o que é escrito rapidamente é feito para ser lido rapidamente.

O imperativo do imediatismo que permeia nossas relações exige um novo tipo de escrita. Com o tempo e a evolução das tecnologias, a escrita vai perdendo seu caráter original de marca riscada para se tornar cada vez mais etérea, virtual, desterritorializada, o oposto da escavação em uma pedra. Lévy (1996), porém, observa, ao contrário de

Flusser, que o texto sempre possuiu uma dimensão virtual. Para o autor, a escrita é sempre virtualizante, independente de seu suporte específico. Desde suas origens, o texto é um objeto virtual e abstrato, e essa entidade virtual atualiza-se em múltiplas versões, traduções, edições, exemplares e cópias. “Ao interpretar, ao dar sentido ao texto aqui e agora, o leitor leva adiante essa cascata de atualizações” (LÉVY, 1996: 35).

Podemos pensar que a duração da escrita, e consequentemente seu impacto, não está exatamente relacionada à velocidade ou forma como ela é registrada em um suporte específico, como sugere Flusser, pois, nas escritas que circulam pela *web*, falar em duração torna-se relativo: as escritas na rede, por não possuírem uma “materialidade” e poderem multiplicar-se através de diferentes conexões por inúmeras plataformas e dispositivos, multiplicam assim sua existência e sua duração, que independem de um suporte específico. Porém, por outro lado, esses registros que têm a capacidade de se multiplicarem e de se “eternizarem” são, ao mesmo tempo, efêmeros e voláteis, ao ponto de poderem ser deletados com um simples clique no mouse.

Todas essas novas formas do gesto de escrever na era da conexão digital fazem-nos constatar enfim que não há uma essência que defina a escrita enquanto gesto, já que, ao se realizar através de diferentes maquinismos, esses moldam a nossa forma de nos relacionarmos com as palavras, essas que ainda conservam sua função de colocar o pensamento no papel/tela. Cada época reinventa as formas de escrever por meio de diferentes tecnologias – a escrita ágil na tela do celular por um teclado com recurso de predição responde a uma necessidade de exteriorização do pensamento que não era pensada há algumas décadas atrás.

Em uma pedra escavada pelo fincar bruto de uma ferramenta manuseada por um parente ancestral, em um papel que, escrito à mão com tinta, fala sobre o fim de tarde de um sujeito qualquer, em uma cidade qualquer, em um tempo qualquer, ou nas palavras em formatos de bits etéreos que aparecem como mágica sob o vidro da tela, bipando em tom estridente em um celular no bolso de alguém do outro lado do continente, os diferentes modos de escrever atualizam a escrita enquanto gesto e a reinventam, recriando a escrita em cada pedra, cada papel, cada tela.

Novas temporalidades

Os inovadores recursos que agilizam as “ciberescritas” móveis ligam-se especialmente a uma característica: a velocidade em que a escrita se faz. Os recursos dos pequenos teclados se atualizam para que a escrita acompanhe cada vez mais de

perto a velocidade do próprio pensamento. A escrita veloz facilita uma comunicação mais rápida e a atualização mais instantânea possível da resposta à pergunta “No que você está pensando?”, questionamento que se impõe no topo da tela ao abrirmos a página inicial da rede social *Facebook*. Paira sobre os homens que são regidos pela pressa do ritmo das grandes cidades uma intolerância à espera. Por que é tão tortuoso esperar?

A espera remete a uma inoperância tediosa que nos assusta. Não toleramos o tempo ocioso, e muito menos a sensação de que “o mundo está passando sem nós”. Estar à espera, ocioso, desconectado, no cenário da hiperconectividade pode causar certa angústia. Parece-nos que essa inoperância tediosa nos assusta porque em seu ápice remete à morte, quando finalmente o mundo “passa sem nós”, quando já não há mais possibilidade de ação sobre o mundo: “Antes de nascer fazíamos parte das infinitas possibilidades de vida que poderiam ou não realizar-se, enquanto mortos já não podemos nos realizar nem no passado (a que pertencemos então de todo mas sobre o qual já não podemos influir) nem no futuro (que, embora influenciável por nós, nos parece vedado)” (CALVINO, 1994: 108).

Para o existencial *Palomar* do escritor Ítalo Calvino (1994), o alívio de estar morto deveria ser este: “eliminada a mancha de inquietude que é a nossa presença, a única coisa que conta é o estender-se e o suceder-se das coisas sob o sol, em sua serenidade impassível”. (p. 109). Porém neste cenário no qual os hiperconectados estão imersos, isso não lhes parece um alívio de forma alguma. Nesse cenário, a sensação de que ninguém está nos ouvindo ou ninguém está nos vendo é difícil de suportar. Esses sujeitos agarram-se a um aqui e agora sem espessura, ou pelo menos suposto como tal, tentando apenas viver no instante presente e negando qualquer tipo de memória profunda e elaborada. É preciso estar sempre ativo, atualizado e compartilhando atualizações, afastando dessa maneira a possibilidade da morte ou desses breves momentos em que “morremos” para o mundo.

A metáfora do boneco Wally, protagonista das ilustrações de Martin Handford (2011), solitário e perdido em meio à multidão, parece ser um dos símbolos de nossa época, no que se refere ao medo de, em meio à infinidade de corpos, de vozes, de imagens e de posts na rede, tornar-se anônimo e insignificante. “Ei, eu estou aqui!”. Os hiperconectados precisam mostrar para o mundo que ele não passa sem eles. É preciso sentir que fazem parte desse movimento; logo, esperar... é perder tempo. A espera é tortuosa porque o tempo ocioso nos remete a uma angústia relacionada intimamente à

racionalidade da economia de tempo na qual estamos imersos... Não posso ficar aqui perdendo tempo enquanto o mundo passa sem mim.

Uma outra intolerância à espera que toma esses sujeitos é a espera da interação com o outro. Com o celular sempre a postos, torna-se desnecessário esperar pela interação que poderia nos proporcionar em algum momento próximo o compartilhamento das nossas histórias. Pela tela do celular é preciso comunicar que já estou chegando em casa, que o meu almoço está delicioso; é preciso escrever um lembrete sobre as compras do supermercado, e precisa ser agora, antes que se esqueça.

Com esses aparelhos constantemente grudados aos nossos corpos, não importa em que lugar estejamos ou onde nossa atenção esteja focada, um bipe no celular e a mensagem que chega desvia nossa atenção para a resposta que não pode ser adiada. A fotografia de um prato de comida exótica sendo comido em um restaurante do outro lado da cidade chega em uma mensagem no *WhatsApp*, uma referência de uma história em quadrinhos em formato de link da *web* vem pelo bate-papo móvel do *Facebook*, bipando no celular para serem vistas também de forma imediata. Alguém que está do outro lado do mundo, em uma cidade distante ou no quarto ao lado não pôde esperar para compartilhar uma notícia que mudou a sua vida ou uma simples banalidade do cotidiano.

Essa necessidade do compartilhamento instantâneo lembra-nos de uma impressão que Roberto da Matta (1978) registra sobre a solidão do antropólogo que se encontra em terras estranhas, longe de casa. Na aldeia em que faz sua etnografia, o antropólogo, em momento de grande *insight*, pensa que é preciso compartilhar o gosto da sua vitória e legitimar com os outros sua descoberta, porém o etnólogo neste momento está só – mesmo que cercado pelos nativos da tribo – e terá de guardar para si próprio o que foi capaz de desvendar. Dessa maneira coloca-se o paradoxo da situação etnográfica (e, por que não, também da vida): para descobrir é preciso relacionar-se e, no momento mesmo da descoberta, o etnólogo, na impossibilidade de compartilhar com os que não são seus iguais, é remetido para seu mundo e sua solidão e, desse modo, isola-se novamente.

Não poder compartilhar suas pequenas alegrias cotidianas com aqueles que estão distantes é uma condição que os hiperconectados não conseguem suportar. Vivemos em uma época marcada pelo signo do imediatismo: estamos sempre querendo tudo para agora, queremos aproveitar a totalidade do tempo, não podemos perdê-lo – como acontece, por exemplo, no tempo ocioso da sala de espera. Estamos constantemente

apressados e atrasados, como o coelho de Lewis Carroll (2009) que leva Alice para o país das maravilhas. O que torna a semelhança do homem contemporâneo com o coelho de Carroll ainda maior é justamente que nunca sabemos exatamente o porquê de tanta pressa. Para que estamos sempre tão atrasados? Por que corremos tanto, economizamos todo esse tempo para utilizá-lo em quê?

A hiperconectividade acentua uma modalidade que Santaella e Lemos (2010) chamam de *always on*, que gira em torno dessa necessidade exagerada de atender ao aqui e agora. Pensando nessa modalidade, talvez não pudéssemos falar exatamente em uma necessidade de “viver o aqui e agora”, mas, atentando para o fato de que a racionalidade da economia de tempo tenta tornar todo e qualquer tempo útil, poderíamos falar em utilizar o tempo, aproveitá-lo com alguma finalidade, “ocupar o aqui e agora” do tempo ocioso da espera com algo útil. Mas o que é exatamente útil nesse contexto? A utilidade do tempo remete-se ao sistema econômico e político no qual está inserido o *homo economicus* do qual nos fala Foucault (2008), sujeito produtivo segundo a perspectiva do capital, para o qual a totalidade do tempo deve ser investida sobre si, na sua constituição enquanto empresa-de-si-mesmo. No neoliberalismo, o modelo empresa perpassa a vida do indivíduo como um todo: “(...) trata-se de desdobrar o modelo econômico, o modelo oferta e procura, o modelo investimento-custo-lucro, para dele fazer um modelo das relações sociais, um modelo da existência, uma forma de relação do indivíduo consigo mesmo, com o tempo, com o seu círculo, com o futuro, com o grupo, com a família” (FOUCAULT, 2008: 332).

A partir do momento em que o sujeito se vê como um produtor de si mesmo, ele mesmo é um capital no qual devem ser feitos investimentos: a lógica do imediatismo que permeia nossa relação com as tecnologias nos faz querer estar sempre conectados, informados, a par das atualizações, porque se perdemos tempo “ficamos pra trás”, e na lógica competitiva do sistema neoliberal, isso não é o desejado.

Diante desse cenário, as práticas de compartilhamento instantâneo de escritas estão inseridas em novas espacialidades e novas temporalidades, essas últimas referindo-se a uma forma de vivenciar a passagem do tempo regida pela urgência e pelo imediatismo. Pelbart (2000) ressalta que o tempo em si não existe, o que existem são operadores de tempo, tecnologias que produzem tal ou qual experiência do tempo. Dessa maneira, diferentes tecnologias podem produzir diferentes temporalidades.

Pensando na era da sociedade informática, o autor salienta que nas redes informáticas, por exemplo, não há um acúmulo do passado em forma de dados, mas seu

remanejamento e atualização permanente, já que o sistema é constantemente enriquecido em tempo real, gerando dessa maneira uma condensação do presente na operação em andamento. A informática cria novas modalidades de vivenciar o tempo. Da mesma maneira que ocorre na internet, “(...) nossa navegação no tempo ganhou aspectos inusitados. Já não navegamos num rio de tempo, que vai de uma origem a um fim, mas fluímos num redemoinho turbulento, indeterminado, caótico (...). Também a espessura do tempo se evapora, nem mais parecemos habitar o tempo, e sim a velocidade instantânea (...), os bits da informação” (PELBART, 2000: 188).

Sibilia (2008) também pensa sobre essas novas modalidades de vivenciar a passagem do tempo, atentando especificamente para as novas formas de relatos de si que surgem nesse cenário, relatos que muitas vezes atendem à lógica da atualização permanente e em tempo real das informações, fazendo-se por meio de fragmentos de conteúdo adicionados a todo momento na internet. Para a autora, na “vertigem dos fluxos digitalizados, a lógica do instantâneo implodiu a da antiga moral da acumulação (...). Essa sensação de vivermos em um presente inflado, congelado, onipresente e constantemente presentificado promove a vivência do instante e conspira contra as tentativas de dar sentido à duração (SIBILIA, 2008: 125).

Sibilia (2008) afirma ainda que estaríamos vivenciando hoje um tipo de produção de subjetividade instantânea, marcada pela exibição da intimidade e pela espetacularização da personalidade, relacionando esse fenômeno a novas formas de vivenciar a passagem do tempo, o esquecimento e a memória. O antigo sujeito narrador com seus diários íntimos, ao longo do tempo, dá lugar a um sujeito que não recorre mais ao passado nem ao cultivo da interioridade para decifrar quem é. As práticas autorreferentes hoje, como, por exemplo, a escrita enquanto relato de si, são regidas pela sensação de falta de tempo generalizada e de um presente constantemente “presentificado”.

Enfim, em um cenário permeado por tal temporalidade imediatista que tentamos descrever, surgem essas escritas instantâneas ou micro-relatos de si que atendem a uma urgência do pensamento para se atualizar, relatos esses que, compartilhados de forma impulsiva, terminam armazenados – e soterrados por toneladas de bits de informação – em enormes arquivos pessoais que são os perfis das redes sociais na internet. Esses relatos que surgem da intolerância às pequenas mortes do cotidiano – essas em que morremos para o mundo enquanto desfrutamos de uma experiência singular, ou enquanto simplesmente suportamos a espera, vendo o movimento do mundo passar,

como se imagina morto o senhor Palomar (CALVINO, 1994) – são diferentes daqueles escritos nos antigos diários que armazenavam os relatos pessoais, e que precisavam, justamente ao contrário, da vivência de um outro tempo que envolvia o aproveitamento do ócio para a elaboração escrita do que fora vivido anteriormente, e não no presente. Apesar disso, na era da hiperconectividade ou nos séculos atrás em que viviam os antigos contadores de histórias ou escritores de diários, o gesto de escrever ainda conserva algo em comum: as “ciberescritas” na tela ou os relatos escritos à tinta no papel parecem ambos ter, de forma diferente, o tempo abstrato da espera.

Compartilhando fragmentos de vida

Basta andar pelo centro da cidade, sentar em algum lugar público ou compartilhar um ônibus de transporte coletivo para que uma imagem nos chame a atenção: a quantidade de pessoas concentradas em seus aparelhos celulares, muitas vezes com seus fones de ouvido, aparentemente alheias ao mundo ao seu redor. O que elas tanto veem em suas telas? O que tanto escrevem com seus polegares apressados? Grudam-se os olhos no celular porque atendê-lo é inadiável. A escrita nesse tipo de dispositivo é cada vez mais urgente. É preciso responder uma mensagem, um e-mail, gravar um contato, atualizar o status do *Facebook*, escrever para o mundo “no que você está pensando”, de acordo com a pergunta da caixa em branco no topo da tela.

Somos inundados diariamente nas redes por micro-relatos de vida instantâneos, mas a que ponto somos afetados por essas “histórias”? Podemos considerá-las realmente histórias? Parece-nos que aí temos um paradoxo da hiperconectividade: deparamo-nos diariamente com uma enxurrada de relatos de vida, fragmentos de realidade instantâneos, e ao mesmo tempo sentimo-nos carentes de histórias que realmente nos toquem, fiquem em nós de alguma maneira.

O filósofo Walter Benjamin (2012) nos fala da morte da narrativa na contemporaneidade enquanto forma artesanal de comunicação. Para o autor, perdemos nossa capacidade de contar histórias porque as próprias experiências perderam o seu valor e a sua comunicabilidade. A morte da narrativa, para Benjamin, também é atribuída à primazia da informação. Hoje em dia somente a informação é desejada e valorizada, em detrimento da arte de contar histórias. A informação tem como característica a verossimilhança e seu mérito reside no fato de ser nova e desconhecida.

Ao mesmo tempo, a informação vive somente para o momento da sua revelação, entrega-se a ele e depende inteiramente desse momento.

Quando pensamos na escrita instantânea das atualizações com as quais nos deparamos nas redes sociais na internet, é difícil distinguir nesse momento se estamos diante de puras informações ou de relatos de si. Na verdade, talvez seja impossível realizar tal distinção. O relato instantâneo é feito para ser lido em tempo real, como a novidade da informação; porém, ao mesmo tempo, esses fragmentos de vida, expostos em breves escritas, imagens, vídeos, registrados em formato de “linha do tempo” formam uma espécie de diário, diferente daqueles que acumulavam e compartilhavam experiências.

O antigo narrador transformava a sua matéria prima, a vida humana composta por experiências suas e dos outros, em um produto sólido, útil e único, transmissível pela linguagem. Benjamin (2012) constata que, ao longo do tempo, a relação entre o ouvinte e o narrador, outrora dominada pelo interesse em conservar o que fora narrado, vai se perdendo, e com ela a comunicabilidade das experiências. Há muito tempo já não compartilhamos do hábito de escutar histórias com a distração de quem tece ou fia, esquecendo-se de si mesmo por alguns momentos, ou de sentarmos com um grupo e escutarmos as histórias dos viajantes que acumulam experiências em suas peregrinações, ou as histórias dos camponeses sedentários que carregam consigo toda a cultura e tradição locais.

Justamente ao contrário do ritmo de vida marcado pelo imediatismo que estamos tentando descrever, a forma artesanal como é contada a história na narrativa exige certo tempo e dedicação, um tipo de atenção que não é dispersa, como a daquele que, concentrando-se em muitas coisas ao mesmo tempo, não se concentra em nada, mas sim distraída, como aquele que, por estar com o pensamento em silêncio, esquecendo-se de si, deixa-se imergir na audição de uma história. É preciso permitir-se o tédio para poder contar e ouvir histórias. Para Benjamin (2012), “o tédio é o pássaro onírico que choca os ovos da experiência” (p. 221); seus ninhos estão escassos nas grandes cidades e com eles a nossa capacidade de ouvir.

Nas redes digitais, observamos um tipo de relato de si que não se volta para a rememoração do passado, como nas narrativas e nas práticas autobiográficas e diarísticas, mas sim para a vivência instantânea do que está acontecendo, à semelhança de um tipo diferente de narrador: aqueles que narram as partidas esportivas no rádio. O imediatismo que paira sobre essas práticas valoriza o relato do que acontece no

momento. Para que esperar para contar essa “história” se podemos contá-la agora para todos os nossos contatos da rede? Esperar é perder tempo... Essa forma de narrar registra uma vida enquanto ela acontece, arquivando seus fragmentos em uma imensa rede que os conecta a uma infinidade de outras vidas, também registradas digitalmente ali.

Pensando a partir da pobreza de experiências na contemporaneidade e do homem que, por viver em uma arquitetura de vidro, não tem nada mais a revelar, como sugere Benjamin (2012), seriam essas escritas fragmentadas e instantâneas uma possível tentativa de dar sentido à fugacidade de nossas vivências cotidianas, de transformá-las (ilusoriamente) em verdadeiras experiências? Um vídeo que circula pelas redes chamado *The innovation of loneliness*, de Shimi Cohen, afirma que, quando compartilhamos nossas vidas nas redes, estamos fingindo que estamos tendo experiências quando, na verdade, não estamos. O que estamos fazendo é forjar experiências apenas para ter algo a compartilhar, já que o imperativo da visibilidade, aqui, é o mais importante.

Mas o que é exatamente ter experiências ou ser “experiente”? A música de Jimi Hendrix nos pergunta: *are you experienced?* Em um texto de 1913, o jovem Benjamin (1984), na época com 21 anos, lança seu olhar sobre a vida tediosa e monótona dos adultos ditos “experientes”. Desmascarando a suposta “experiência” adquirida com a vida adulta, sinônimo de trabalho duro, responsabilidades, etc., e atentando, por outro lado, para as experiências vividas na juventude – que costumam ser desprezadas pelos adultos –, Benjamin conecta intimamente a noção de experiência à experimentação do mundo por um espírito jovem. A experiência, dessa maneira, não se refere a um modelo de vida específico, a vida porvir do adulto, mas sim refere-se a uma experimentação singular do mundo que só pode ser vivida por cada um, como em uma viagem particular. Benjamin (1984) recorre ao *Zarathustra* de Nietzsche para afirmar que “cada um só vivencia a si mesmo” (p. 25).

A experiência só pode ser vivida por si mesmo, mas pode também ser transmitida aos outros através da linguagem, que a transforma então em uma bagagem que os outros também podem carregar consigo. A experiência tem um aspecto que envolve a singularidade, ou uma “uma teia singular composta de elementos espaciais e temporais”, como se refere Benjamin (2012:184) ao pensar no conceito de aura.

Também podemos entender a ideia de experiência implicitamente através dos pequenos textos nos quais o autor nos conta suas experiências de infância. Nesses textos, uma simples brincadeira de criança impressa na memória transforma-se em uma pequena fábula ensaística e filosófica, na qual um detalhe percebido, um certo olhar, um certo cheiro, adensam-se e dão ao vivido o estatuto de experiência, transmissível através da linguagem pelo ato de contar histórias. Agamben (2005) usa a metáfora de uma pérola dentro de uma ostra para compreender a noção de experiência, ressaltando que o seu acontecimento se dá no simples e no banal do cotidiano: “[era] o cotidiano – e não o extraordinário – [que] constituía a matéria-prima da experiência que cada geração transmitia à sucessiva (...), todo evento, por mais comum e insignificante, tornava-se a partícula de impureza em torno da qual a experiência adensava, como uma pérola, a própria autoridade” (p. 22).

Esse tipo de experiência que se tem em meio às sutilezas do cotidiano acaba sendo impossibilitada por um ritmo de vida que nos faz sentir o tempo e o espaço de forma muito diferente daquelas experimentadas pelos velhos contadores de histórias. As vivências que se acumulam, uma após a outra, não deixam sobrar tempo para a elaboração necessária para que algo se solidifique em nossa memória como experiência, para que um fragmento se transforme em pérola.

Não só a guerra matou a experiência, como se refere Benjamin (2012), mas a existência cotidiana das grandes cidades já é suficiente para também aniquilar com ela. Para Agamben (2005), o dia-a-dia do homem contemporâneo não contém quase nada que seja ainda traduzível em experiência: ler um jornal, rico em notícias de lugares distantes; passar horas ao volante preso em um engarrafamento ou viajando pelos vagões do metrô; vivenciar eternos momentos de silêncio com desconhecidos no elevador ou no ônibus. “O homem moderno volta para casa à noite extenuado por uma mixórdia de eventos – divertidos ou maçantes, banais ou insólitos, agradáveis ou atrozes –, entretanto nenhum deles se tornou experiência” (p. 22).

Agamben (2005) também ressalta que a questão não é exatamente a falta de experiências, mas que as experiências se efetuam fora de nós, e é como se nós olhássemos para elas com alívio. O homem contemporâneo prefere que a sua máquina fotográfica tenha a experiência por ele. E com relação a essa última afirmação, não há como não nos remetermos diretamente ao cenário das redes sociais: poderíamos dizer que no “*feed* de notícias” de uma rede como o *Facebook* desfila uma série de experiências “expropriadas”, despersonalizadas, como se elas vivessem fora de nós, apenas na imaterialidade dos pixels na tela do computador. Uma câmera que

experimenta por nós, uma frase que fala em nosso nome, uma curtida que confirma que gostamos, uma música que expressa o que sentimos, registrada como preferida em nossos perfis.

Pensando no rumor incessante das postagens que circulam nas redes sociais, distinguir se estamos diante de experiências compartilhadas ou de mera comunicação de informações torna-se mais complexo, diante dessas escritas que mesclam a novidade da informação ao relato singular de uma vida. Nessas escritas instantâneas que circulam pelas redes parecem estar impressos os efeitos da tensão entre, por um lado, a captura do sujeito pela pressão do tempo imediatista, e por outro, a tentativa de ligar-se aos acontecimentos que o rodeiam, reter algo para si. Seria essa uma tentativa frustrada e manca de produzir experiências? *To fake experiences*, como nos fala Shimi Cohen no vídeo que circula na internet?

O compartilhamento da experiência, segundo Benjamin (2012), supõe necessariamente uma dimensão coletiva; a experiência é socializada para um grupo de pessoas, que podem tornar compartilhável também tal experiência. Já quando compartilhamos nossos relatos pessoais na rede, falamos para uma multidão: mas quem realmente nos lê em meio a esse gigante observatório? Com quem compartilhamos, de fato? O aspecto da alteridade parece se perder nessa forma de compartilhar fragmentos de vida. Se os antigos relatos pessoais escritos em diários ou em cartas, ou mais recentemente em e-mails, fóruns de discussão da *web*, etc, eram compartilhados mais diretamente com o outro, de forma mais íntima e direcionada, os micro-relatos das redes sociais não são direcionados a alguém ou a um grupo específico, mas sim compartilhados com uma grande plateia dispersa para a qual ler ou não ler tais atualizações é contingente.

Com relação ao aspecto temporal, enquanto as experiências denotam um conhecimento acumulado e são tomadas sob um ponto de vista reflexivo sobre o passado (só “adquirimos experiências” com o tempo), podendo ser contadas aos outros como histórias de vida, as vivências compartilhadas em tempo real nas redes sociais na internet são mais imediatas e remetem ao presente, ao gesto de estar vivenciando algo. Apesar de páginas como a “linha do tempo” do *Facebook* se proporem a ser uma espécie de diário que contém os acontecimentos marcantes de nossas vidas, é vetado às postagens compartilhadas de forma instantânea o tempo necessário para uma

reflexividade sobre o que se viveu, contida, diferentemente, nas narrativas ou nas escritas de si.

Enfim, vale reforçar que a experiência, matéria prima para as narrativas, como se refere Benjamin (2012), é vivida em uma outra temporalidade em que a atenção ao “aqui e agora” não é apenas sensorio-motora, como parece ser a atenção do indivíduo que atenta a muitas coisas ao mesmo tempo, notícias, informações, atualizações, que compartilha aquilo que vivencia e presença, mas de uma dimensão diferente da sensibilidade que imerge o indivíduo no tempo da duração. Do rumor perpétuo de atualizações em tempo real ao silêncio do arquivo virtualizado de um perfil, os micro-relatos que desfilam nas redes intentam captar, ilusoriamente, o instante, registrando-o e compartilhando-o com um tipo muito diferente de plateia: espectadores que navegam em um mar de centenas de histórias entrelaçadas artificialmente pelas tramas da rede digital.

Referências

- AGAMBEN, G. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BENJAMIN, W. *Obras escolhidas vol. 1. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BENJAMIN, W. *Reflexões: a criança, o brinquedo a educação*. São Paulo: Summus, 1984.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, 2002.
- CALVINO, I. *Palomar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CARROLL, L. *Aventuras de Alice no país das maravilhas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- DA MATTA, R. O ofício do etnólogo ou como ter anthropological blues. In: NUNES, E. *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 23-35.
- DEMOLY, K. R.; MARASCHIN, C.; AXT, M. Escritura na convergência de mídias: uma nova experiência estética. *PSICO*, v. 40, n. 1, p. 121-130, 2009.
- EXISTENZ. Direção: David Cronenberg. Canadá: Alliance Communications Corporation, 1999, 97min.
- FLUSSER, V. *A escrita: há futuro para a escrita?* São Paulo: Annablume, 2010.
- FLUSSER, V. *Los gestos: fenomenología y comunicación*. Barcelona: Editorial Herder, 1994.
- FOUCAULT, M. *Ética, sexualidade e política*. Ditos e Escritos vol. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

- FOUCAULT, M. *O nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H; RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013, p. 273-295.
- FOUCAULT, M. *Tecnologias del yo y otros textos afines*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1996.
- GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma ético-estético*. São Paulo: 34, 2012.
- HANFORD, M. *Onde está Wally?* vol. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- LEMO, A. Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. In: LEÃO, L. (org.). *Derivas: cartografias do ciberespaço*. São Paulo: Annablume, 2004, p. 17-43.
- LEMO, A. Ciberespaço e tecnologias móveis: processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura. In: MÉDOLA, A.; ARAÚJO, D.; BRUNO, F. *Imagem, visibilidade e cultura midiática - Livro da XV Compós*. Porto Alegre: Sulina, 2007, p. 277-293.
- LEMO, A. Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos dispositivos híbridos móveis de conexão multirrede (DHMCM). In: ANTOUN, H. (org.). *Web 2.0. Participação e vigilância na era da comunicação distribuída*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, p. 49-63.
- LÉVY, P. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.
- LIPOVETSKY, G. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- MATRIX. Direção: Andy Wachowski e Larry Wachowski. Estados Unidos: Warner Brothers, 1999, 136min.
- PELBART, P. P. *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- PRECIOSA, R. *Rumores discretos da subjetividade: sujeito e escritura em processo*. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- SANTAELLA, L. *A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade*. São Paulo: Paulus, 2010.
- SANTAELLA, L. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.
- SANTAELLA, L; LEMO, R. *Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*. São Paulo: Paulus, 2010.
- SIBILIA, P. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

Alana Soares Albuquerque
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
E-mail: alana_albuquerque@hotmail.com

Inês Hennigen
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
E-mail: ineshennigen@gmail.com